

O trabalho que apresentamos constitui uma leitura de uma paisagem arqueológica: a da região natural do Alto Paiva. Pretende-se, com ele, contribuir, através de um estudo à escala regional, para a progressão do conhecimento científico acerca das continuidades/rupturas que ocorreram na zona de entre Douro e Vouga, durante os períodos da romanização e da Alta Idade Média.

É objectivo deste trabalho delinear a evolução do povoamento na área em estudo, lançando as questões mais pertinentes e procurando algumas hipóteses explicativas. A veleidade de procurar respostas definitivas (será que existem?) não norteou esta pesquisa, mas espera-se lançar algumas pontes sólidas para futuras investigações, que virão reforçar ou refutar as ideias que hoje se apresentam.

Um factor atractivo presente no Alto Paiva é a fraca extensão dos aglomerados habitacionais (embora nos últimos decénios se verifique uma certa tendência para a fixação em áreas urbanas em detrimento das rurais) e o facto do desenvolvimento urbano-industrial também não ser expressivo. Sabendo-se que estes factores destroem ou mascaram os vestígios arqueológicos, considerou-se esta área como prioritária, uma vez que é importante agir antes que os mesmos desapareçam e antes que se apague definitivamente a sua memória¹.

A paisagem não foi, portanto, demasiadamente alterada no último século. Salvo raras excepções, não foram introduzidos modernos meios de exploração agrícola. Há alguns decénios atrás verificou-se o repovoamento das terras de “monte” com pinheiros². Nos últimos anos, porém, incêndios de grandes proporções têm devastado os pinhais, pondo parte da serra de novo a descoberto. Claro que não por muito tempo, já que rapidamente proliferam giestais cerrados, embora no último decénio a tendência para substituir os pinhais queimados por castanheiros tenha vindo a aumentar, certamente por influência de incentivo governamental.

O próprio rio Paiva não foi objecto de grandes alterações, sobretudo no seu curso superior, não se tendo aí verificado a construção de barragens, diques ou canalizações; também sabemos que os depósitos aluvionares são praticamente nulos³.

De um modo geral, pode-se dizer que a forte emigração e a imigração mantiveram uma paisagem tradicional de traços arcaizantes.

Para delimitar a área de estudo foram analisadas as entidades fisiográficas da região, procurando-se encontrar os limites naturais do curso superior do rio Paiva. Para os determinar foram examinadas cartas de várias escalas gráficas e de diferentes temas (topográficas, hidrográficas, geológicas), bem como a observação in loco. Esta matéria encontra-se desenvolvida em capítulo próprio.

A escolha de um âmbito temporal alargado — da romanização à Alta Idade Média — foi influenciada por vários factores. É, por um lado, uma cronologia aliciante por englobar dois períodos de transição, como foram a ocupação romana e a passagem para a Alta Idade Média. Como procuramos identificar processos de continuidade/ruptura este intervalo de tempo parece ser ideal. Trata-se de um período que se caracteriza pela escassez, ou mesmo ausência de dados a seu respeito, sobretudo documentação escrita.⁴ Assim, a Arqueologia, um pouco como sucede para períodos Pré e Proto-históricos, é um dos poucos meios que permite recuperar alguma informação⁵. Foram ainda consideradas razões de ordem prática, como a possibilidade de proceder à inventariação e prospecção de vestígios de época romana à alto-medieval com os mesmos meios.

Tal como em muitos outros locais da Europa a única aproximação ao povoamento das épocas romana e alto-medieval, a nível regional, é feita através dos estudos arqueológicos, já que as fontes escritas existentes são muitíssimo insuficientes, ou mesmo inexistentes.

Com base nos dados de povoamento reunidos é possível ter uma relação de sítios e núcleos de habitação que, acompanhada da correspondente representação cartográfica, tornará possível conhecer as particularidades de cada um dos momentos, rastrear as continuidades, rupturas e tentar apreender a realidade subjacente às estruturas detectadas.

Desde os anos 60/70 que a *New Archaeology* introduziu um certo espírito de aproximação à quantificação e aos métodos informáticos. Na sua busca de rigor, os arqueólogos começaram a explorar as potencialidades das aplicações informáticas da estatística; todavia, estas não deram uma resposta gráfica aos problemas colocados, pelo que o aparecimento dos S.I.G. (Sistemas de Informação Geográfica) representou um novo passo para a nascente *Landscape Archaeology*. Esta linha de investigação, plasmada como Arqueologia Espacial, é adoptada pelas diversas correntes da arqueologia (Espiego e Baena, 1999, p. 41-44).

Os anglo-saxónicos estabeleceram os mais importantes princípios e metodologias da Arqueologia Espacial, amplamente influenciada pela geografia (Hodder e Horton, 1976; Clarke, 1977). A par dos avanços neste novo rumo da Arqueologia, deram-se os primeiros passos na aplicação dos S.I.G. aos problemas próprios desta abordagem, fixando-se diferentes escalas de trabalho, ou seja, três níveis de análise, inicialmente definidos por Clarke e largamente aceites, que se escalonaram da seguinte forma: macro (ou regional), semimicro (ou local) e micro (ou individual) (Alcázar Hernández, 1998, p. 83; Espiego e Baena, 1999, p. 41-44).

À macroescala foram associados os polígonos de Thiessen, bem como a teoria dos lugares centrais, aplicada à arqueologia por Johnson na Mesopotâmia, com base no trabalho de geógrafos como Christaller (Renfrew e Bahn, 1996, p. 170-172, 192-193); este âmbito de análise procura estudar o porquê da distribuição espacial de um grupo de sítios e as relações existentes entre eles. Quando se pensa numa análise intermédia, não se pode esquecer a *site catchment analysis*, delineada por Higgs e Vita-Finzi (Renfrew e Bahn, 1996, p. 241-243): de forma genérica, pode ser definida como aquela que estuda a relação de um sítio com a exploração e transformação do meio, na área de que dispõe, podendo-se chegar a relacionar os recursos disponíveis com o tipo de subsistência que seria praticado. O mais reduzido nível de análise utiliza-se sobretudo ao nível do estudo de sítios arqueológicos e procura, a uma escala detalhada, compreender as relações existentes entre o material e as diversas estruturas exumadas, pretendendo definir o uso atribuído a cada uma das diversas áreas.

Nos últimos anos, tem-se vindo a impor uma nova nomenclatura para estudos espaciais: Arqueologia da Paisagem. Esta não pretende ser apenas uma mudança formal, mas sim uma novidade, todavia não existe como uma área do saber específica, nem sequer corresponde a um diferente objecto de estudo e reflexão⁶ (Cfr. Ortega Ortega, 1998, p. 33-34). Sendo um tema multifacetado, tem atraído um grupo muito heterogéneo de investigadores⁷.

O princípio básico que norteia esta tendência de pesquisa é a diacronia, mas de forma não estática e sempre dando espessura também à sincronia; assim, procura-se ir além da morfologia e do registo material, tentando-se adoptar múltiplos ângulos de abordagem, tendo em conta os diversos elementos que emprestam especificidade à paisagem, sem esquecer o homem como personagem interventiva (Orejas, 1998, p. 14-15).

Uma filiação nos *Annales* (de segunda geração) foi ensaiada por alguns autores desde meados dos anos oitenta⁸, tendo estes encontrado similitudes entre os objectivos da Arqueologia e dos *Annales* relativamente à investigação de processos de mudança de longa e média duração, as “conjunturas” de Braudel, a busca da história da multidão dos que foram excluídos dos documentos escritos (Barker, 1995, p. 2-3).

Existe, então, uma comunhão de perspectivas, que poderá permitir à Arqueologia da Paisagem encontrar o fundamento teórico de que necessita. Todavia, para ultrapassar as limitações há que procurar eliminar os pontos fracos, como o imobilismo, o quase determinismo,

com que por vezes se considera a paisagem. Não se pode esquecer os homens e há que os considerar como indivíduos do seu tempo⁹ (Barker, 1995, p. 3).

Os S.I.G. são uma ferramenta hoje indispensável para quem procura efectuar estudos no âmbito da Arqueologia da Paisagem. O grande dinamismo das equipas que trabalham com esta ferramenta tem vindo a fazer crescer a bibliografia disponível sobre a aplicação dos S.I.G. à análise da paisagem arqueológica¹⁰.

Também entre nós tem cada vez mais popularidade a abordagem espacial, embora ainda não tenhamos tido um debate idêntico ao europeu, tanto no plano teórico como no respeitante a questões de terminologia e metodologia¹¹. O trabalho ora apresentado procura adotar os princípios gerais enunciados para a análise da paisagem arqueológica, procurando, contudo, contornar algumas contradições que lhe vêm sendo apontadas. A aplicação desta abordagem à região do Alto Paiva pretende tirar o máximo partido das suas potencialidades.

Neste ponto, parece ser importante definir os instrumentos de análise. Os S.I.G podem ser definidos como uma ferramenta e esta tecnologia deve ser usada como tal para não se correr o risco de que se tornem uma finalidade *per se* (González Pérez, 1998, p. 75), meras «beautiful pictures», como alguém já disse, apenas para embelezar os artigos dos arqueólogos. Como utensílio que é, permite organizar correctamente, manipular, recuperar e analisar a informação geográfica contida num sistema (não se tratando simplesmente de cartografia assistida por computador). Permite ainda executar análises complexas dos elementos que são introduzidos no sistema, de forma a poder gerar-se nova informação através da identificação das relações espaciais existentes entre distintos dados geográficos (Blasco e Baena, 1993, p. 179-180).

Depois de se ter demarcado da área de estudo, a preocupação básica foi reunir toda a bibliografia disponível sobre os vestígios arqueológicos da zona, procurando-se recolher o máximo de informação possível. A toponímia interessante, do ponto de vista arqueológico, foi igualmente coligida a partir das cartas¹². Após estes levantamentos, procedeu-se à elaboração de uma base de dados que permitisse não só organizar e melhor aceder aos elementos compilados, mas também coordená-los com aqueles que se iriam recolher no trabalho de campo.

O resultado da prospecção efectuada pode-se considerar como um primeiro catálogo que permite uma abordagem inicial à área em estudo, é um método que se pode incluir na chamada Arqueologia Extensiva, tal como é compreendida sobretudo por autores franceses e que tem vindo a ser utilizada com bons resultados pela arqueologia medieval (Bazzana, 1994, p. 7-27; Pésez, 1997, p. 86). Não é entendida como um recurso menos nobre, ou menos oneroso, face à escavação arqueológica, mas sim como um interesse pela arqueologia “off site” que permite ter um panorama mais alargado da realidade e que pode ser considerada como preliminar relativamente a métodos “mais duros”. Possibilita que no futuro se tenha uma ideia mais clara dos locais onde será mais proveitoso proceder a escavações arqueológicas, para responder a questões amadurecidas e pertinentes.

Para detecção de vestígios arqueológicos à superfície do solo foi utilizado o método básico de prospecção de superfície, procurando-se identificar sítios enterrados através de sinais emergentes (Ferdière, 1998, p. 9). A escassez dos recursos disponíveis não permitia pôr em prática uma prospecção de carácter sistemático¹³, a mais eficaz e a única que permite ter resultados verdadeiramente representativos dos antigos padrões de assentamento (Keay, 1998, p. 191, 201). Pela mesma razão se excluiu a teledetecção e foto-interpretação, bem como os métodos de detecção geoquímica e geofísica. Dados estes constrangimentos optou-se por efectuar um catálogo de sítios, utilizando a prospecção dirigida, tanto em termos cronológicos como em termos de paisagem. Durante os trabalhos de campo recorreu-se à Carta Militar de Portugal 1:25 000, uma vez que não se dispunha de cartografia mais detalhada.

Outras limitações poderão afectar os resultados de toda a prospecção de superfície (até a sistemática), como é o caso da “visibilidade” e da “perceptibilidade”. O primeiro factor depende da cobertura vegetal e das condições atmosféricas, razão por que é recomendável fazer trabalho de campo em distintas estações do ano. O último factor depende da probabilidade de que determinados vestígios materiais sejam visíveis à superfície. Assim, por exemplo, um assentamento humano ocupando vários hectares é de detecção mais fácil do que um casal isolado (Ruiz Zapatero e Fernández Martínez, 1993, p. 89).

Relativamente à superfície do solo cultivada, que representa hoje uma percentagem diminuta da superfície total do Alto Paiva, por um lado, era já característica da paisagem rural tradicional a reserva de um amplo sector para aproveitamento extensivo (o “monte”)¹⁴ e, por outro, acentuou-se a tendência para o abandono dos campos por parte da população. Por isso, tanto a “visibilidade” como a “perceptibilidade” dos vestígios arqueológicos são cada vez mais reduzidas.

Mesmo no que respeita a campos cultivados há muitas dificuldades. Estes tanto podem ser muito reveladores, quando lavrados, como mostrarem-se qual autêntico tapete verde que inviabiliza a observação do solo, por exemplo quando se trata de “lameiros” (prados húmidos). A extensão dos vestígios pode alterar-se completamente, consoante a dimensão do terreno que se encontra cultivada. Foi interessante visitar certos sítios em diversas alturas do ano, ou em anos distintos, e verificar que a área de dispersão dos vestígios se poderia duplicar, uma vez que o campo deixado em pousio no ano anterior agora estava lavrado e permitia a observação da superfície do solo.

Um outro elemento que não é controlável é o próprio factor humano: o cansaço acaba por influir na detecção de sítios arqueológicos e na apreciação que se faz dos mesmos. Também é importante considerar que se deu um processo de aprendizagem e que a experiência tornou as prospecções mais rentáveis.

Para uma análise em diacronia e sincronia, optou-se por uma escala regional¹⁵, mas mantendo a flexibilidade necessária, permitindo uma alteração de escala quando considerado conveniente. Esta escala de análise arqueológica é considerada como a mais adequada para investigar relações de longo termo entre “estrutura” e “agentes” (Barker, 1995, p. 3).

Tendo em conta estas premissas partiu-se para a organização do S.I.G. A nível de “software” recorreu-se ao programa ArcView 3.1 da ESRI (*Environmental System Research Institute*), que correu num PC Pentium III 450Mhz com 128 Mb de memória RAM. Foi utilizada como cartografia digital base a Carta Militar de Portugal à escala 1:250 000 (Folha 4) do IgeoE (Instituto Geográfico do Exército) no formato vectorial com projecção UTM (Datum Europeu).

Os elementos recolhidos (através da bibliografia e em campo) foram sendo armazenados numa base de dados (File Maker 4) que, pelas suas características, não pôde ser directamente ligada ao ArcView. A informação foi posteriormente transformada em formato Dbase IV e importada para o programa base de S.I.G., onde foi analisada em termos espaciais.

- ¹ Não é só nas áreas urbanas e peri-urbanas que os vestígios arqueológicos estão ameaçados. O abandono das actividades do sector primário pelas camadas mais jovens da população trará o obívio dos locais arqueológicos observados pelos pastores e agricultores. Outro impacto será o avanço das áreas incultas que são rapidamente ocupadas por vegetação densa (giestas, silvas, tojos, fetos), impedindo que o arqueólogo perscrute o solo.
- ² No âmbito do plano de Povoamento Florestal de 1938, acção governamental que teve forte oposição popular (Daveau, 1987-1991, p. 1079), retratada por Aquilino Ribeiro no seu romance *Quando os lobos uivam*. Esta contestação deveu-se ao facto destes baldios serem aproveitados pela população para obter combustível e mato para servir de cama ao gado, para pasto do gado ovino e caprino e também para a produção de mel. Desempenhava igualmente um papel importante em termos económicos para as culturas episódicas de centeio, as “cavadas”, levadas a cabo pela comunidade depois de arrancada e queimada a vegetação espontânea (Ribeiro, 1995, p. 252-253). O baldio era, portanto, um elemento essencial da actividade agrícola e pecuária de subsistência (Medeiros, 1995, p. 24).
- ³ Vide infra a Caracterização Geográfica.
- ⁴ Esta observação é válida para toda a Europa, todavia no nosso país ainda nos encontramos numa fase embrionária da investigação. Os bons resultados da investigação em países como o Reino Unido, França e Itália deveriam dar-nos alento para iniciar a caminhada.
- ⁵ Como já foi assinalado por Georges Duby (1978, p. 15) há algumas dezenas de anos: ... *muito arriscada qualquer tentativa de fazer uma apreciação global. Queremos frisar desde já os estreitos limites do conhecimento histórico e o larguíssimo campo que é deixado à especulação*. No entanto não podemos baixar os braços, temos que trabalhar — ainda que cautelosamente — com os dados que o método arqueológico nos proporciona.
- ⁶ A falta de definição desta linha de investigação, apesar da grande produtividade científica que nela se pode inscrever, está patente na diversidade terminológica que foi adquirindo ao longo dos anos e que acaba por servir de directriz a uma área sem metodologia própria (Ortega Ortega, 1998, p. 34).
- ⁷ Foi precisamente como uma manifestação diversificada que Almudena Orejas o classificou, como produto de influências processuais e pós-processuais, tendo identificado e caracterizado quatro diferentes tendências predominantes, inserindo-se a própria autora dentro da que designou por “Visão sintética” (Orejas, 1998, p. 10-15).
- ⁸ Embora já desde os anos setenta surgissem estudos influenciados pelos *Annales*, não estavam teoricamente neles filiados, mas já buscavam um leque mais vasto de documentos, tendo assim surgido a história da cultura material, sobretudo impulsionada por J.-M. Pesez. O movimento mais recente foi marcado pelo interesse da arqueologia britânica (nomes como Hodges, Bintliff, Knapp e Barker propuseram a adopção dos *Annales* pela arqueologia).
- ⁹ Desta forma procurando-se ultrapassar os problemas que surgem com a aplicação à Arqueologia [da Paisagem] de teorias procedentes da Geografia, que habitualmente procuram compreender realidades actuais, ou não muito recuadas no tempo. Georges Duby (1978, p. 15-16) alertava já para os perigos inerentes à aplicação de modelos baseados na economia moderna à Alta Idade Média. Mais recentemente e para um âmbito cronológico mais alargado — a antiguidade —, outros autores chamam a atenção para a interacção indivíduos/paisagem e para a necessidade de considerar os primeiros como homens imbuídos de uma racionalidade pré-capitalista (Urbina Martínez, 1998, p. 148; Orejas, 1998, p. 14).
- ¹⁰ Um pouco por todo o mundo, e de forma extremamente ecléctica, têm vindo a ser efectuados estudos de Arqueologia da Paisagem, sobretudo com a ajuda dos S.I.G.. Para não ir mais longe, no país vizinho têm-se levado a cabo bastantes projectos, tanto de investigação como de gestão patrimonial, que se podem inserir nesta temática. É já incontornável a referência ao volume 19-10 da consagrada revista *Arqueología Espacial*, dedicado à *Arqueología del Paisaje*, tema do V Colóquio Internacional de Arqueologia Espacial, realizado em Teruel em 1998, onde está patente a heterogeneidade de visões agrupadas sob esse título e também a urgência de criação de uma “coluna vertebral” para estes estudos. Também recentemente a Universidade Autónoma de Madrid, que há muito desenvolve investigação nesse âmbito, publicou uma importante colectânea de artigos sob o título: *Los S.I.G. y el análisis espacial en Arqueología*. Estas edições mostram a dinâmica criada em torno do tema e de certa forma procuram fazer o ponto da situação, não deixando de mostrar os seus pontos fracos, contribuindo, desta forma, para o seu fortalecimento. Também não se pode deixar de referir o trabalho da equipa de Criado Boado, da Universidade de Santiago de Compostela, que tem contribuído grandemente para a divulgação desta abordagem (p. ex. Criado Boado, 1991).
- ¹¹ Em Setembro de 1999 realizou-se o Workshop de Sistemas de Informação Arqueológica (SIG’s aplicados à Arqueologia da Península Ibérica), integrado no 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular, cujas intervenções foram publicadas no vol. 10 das Actas (Lemos et al., 2000), já depois de terminada a redacção deste texto. Apenas quatro dos oito artigos publicados se referem a trabalho desenvolvido no território português, mas mostram o início de uma dinâmica interessante entre nós.
- ¹² Carta Militar de Portugal à escala 1: 25 000.
- ¹³ Para uma ideia dos recursos humanos e económicos necessários para pôr em prática prospecções sistemáticas, cfr. Almagro-Gorbea e Benito-López, 1993, p. 151-158; Criado Boado, 1991, p. 61-62.
- ¹⁴ Que não sendo explorado vai-se tornando o reino da vegetação espontânea. Acerca do aproveitamento destes recursos vide nota n.º 2.
- ¹⁵ Mesmo não sendo possível pôr em prática um tipo de investigação regional exemplar, como a efectuada no vale de Biferno (Molise, Itália) com direcção de Graeme Barker, fez-se esta escolha. Entre outras características modelares, o projecto *Mediterranean valley* utilizou uma metodologia integrada com o objectivo de se poderem comparar os dados de alteração do meio com os dados do processo de povoamento, estudando a mesma equipa geomorfologia, arqueologia e história (Barker, 1995, p. 11).